

sendo um como controle e o outro ao término do período experimental. Sugere-se que o exercício físico pós-procedimento operatório deva melhorar a condição muscular e estabilizar a articulação femuro-patelar. Porém, no decorrer do período experimental, Gibson et al. observaram fragmentação osteocondral na superfície patelar lateral distal e formação óssea na inserção do ligamento patelar intermédio a patela, caracterizando que em algum momento ou durante movimentação do cavalo tenha ocorrido a instabilidade da patela. A formação óssea vista na inserção do ligamento patelar intermédio à patela após 90 dias da cirurgia, é sugestiva de alteração das forças biomecânicas na articulação femuro-tibio-patelar, conforme reportado também por Gibson et al. em 10 de 12 cavalos submetidos a desmotomia patelar experimental. A produção óssea é indicativa de aumento da tensão no ligamento patelar intermédio após a transsecção do ligamento medial. A Desmotomia Patelar Medial pode levar a instabilidade da articulação femuro-tibio-patelar, e a alterações ósseas na patela e na crista tibial de eqüinos adultos, mantidos em repouso durante 120 dias. A cirurgia deve ser reservada estritamente aos casos de fixação dorsal da patela irresponsivos a outros tratamentos.

Alterações do líquido peritoneal decorrentes de biópsia hepática e renal guiadas por laparoscopia em eqüinos

Silva, L.C.L.C.¹;
Tabet, A.F.¹;
Zoppa, A.L.V.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade de São Paulo – SP

A análise do fragmento retirado do fígado ou rim pode fornecer dados que auxiliam na determinação de uma lesão aguda e reversível ou crônica e irreversível, fornecendo prognóstico mais preciso, que permite um melhor direcionamento do tratamento em animais com chance de sobrevivência ou eliminando gastos desnecessários em animais fadados ao óbito. Pearson e Graig descreveram técnica percutânea de biópsia hepática em eqüinos e ruminantes utilizando, respectivamente, o 14º e o 11º espaço intercostal, enfatizando a importância da técnica como método diagnóstico. Em 1991, Fischer descreveu as técnicas e possibilidades de emprego da laparoscopia em eqüinos, sugerindo o método para realização de procedimentos diagnósticos e cirúrgicos, incluindo biópsias de órgãos como: fígado, rim, baço, além de neoformações intra-abdominais ou aspiração de abscessos e cistos. Com relação à biópsia renal, esta foi realizada em eqüinos primeiramente por Osborne et al. por técnica percutânea, utilizando-se de palpação retal como guia. Mais tarde, outros autores relataram a possibilidade do uso da laparoscopia como guia para biópsia renal. Fischer et al. relataram as alterações no líquido peritoneal em cinco eqüinos clinicamente sadios após 24 horas da realização de exame laparoscópico. A presença de turbidez, aumento na concentração protéica, e elevação acentuada na contagem de leucócitos foram os principais achados. Não houve acompanhamento nos dias subseqüentes para avaliar a regressão dessas alterações no líquido peritoneal destes animais. O presente estudo visa determinar as alterações durante um longo período de tempo, encontradas no líquido peritoneal, decorrentes da biópsia hepática ou renal guiadas por laparoscopia. Foram utilizados 20 eqüinos, clinicamente sadios, 10 para os procedimentos de biópsia hepática e 10 para os procedimentos de biópsia renal. As técnicas foram executadas em tronco de contenção, com os animais em estação, mediante sedação e analgesia parenteral com uso de opióide e bloqueio anestésico local pontual no flanco direito para biópsia hepática e em dois pontos no flanco esquerdo para biópsia renal. Para a realização da biópsia hepática foi utilizada óptica de 10mm com canal de trabalho para passagem de pinça de biópsia tipo fenestrada de 5 mm. Para biópsia renal utilizou-se em 5 animais duas incisões, uma para passagem da óptica e outra para passagem da pinça fenestrada, e nos outros 5 animais utilizou-se agulha do tipo “Tru-cut” 20/16

semi-automática. Parâmetros clínicos como frequência cardíaca, frequência respiratória, motilidade intestinal, micção, coloração de mucosas, tempo de preenchimento capilar e temperatura corporal, foram mensurados diariamente até o vigésimo primeiro dia de pós-operatório. As colheitas do líquido peritoneal foram realizadas no pré-operatório e nos dias 1, 3, 7 e 14 de pós-operatório para ambos os grupos e no dia 21 exclusivamente para biópsia hepática. Tanto a biópsia hepática quanto a biópsia renal provocaram aumento na turbidez do líquido peritoneal no primeiro dia de pós-operatório, regredindo a partir de então em média até a terceira semana onde já se observava uma forte tendência à normalidade para os animais submetidos à biópsia hepática, o que ocorreu na segunda semana para biópsia renal, quando se pôde observar redução significativa na contagem de células nucleadas (Figura 1) e retorno ao aspecto macroscópico normal do líquido peritoneal para ambos os procedimentos respectivamente. Ambas as técnicas foram consideradas viáveis quanto à sua eficácia e segurança, não ocorrendo sinais de dor ou alterações dos parâmetros vitais ao exame físico, além de propiciar visão direta dos órgãos e aspecto geral da cavidade abdominal. As alterações encontradas no líquido peritoneal eram esperadas, visto que se tratam de técnicas invasivas, com punção peritoneal seguida de extravasamento de sangue para cavidade abdominal. A turbidez do líquido peritoneal até o 7º dia de pós-operatório apresentava-se maior no grupo da biópsia renal, quando comparada ao grupo da biópsia hepática, provavelmente devido ao maior sangramento para cavidade abdominal provocado

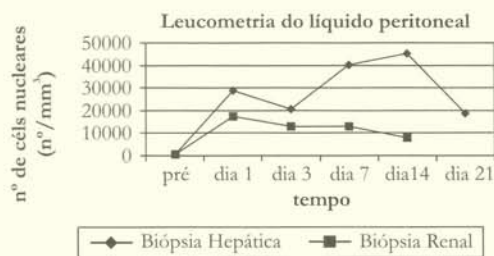


Figura 1. Contagem de células nucleadas do líquido peritoneal de eqüinos submetidos a biópsia hepática ou renal, nos diferentes momentos.

pela retirada do fragmento do parênquima renal. Acreditamos que a maior rapidez no retorno ao aspecto normal do líquido peritoneal na biópsia de rim deveu-se à ausência de extravasamento de enzimas relacionadas à bile, contidas no parênquima hepático que causaram uma maior reatividade do peritônio. Frente aos resultados obtidos, sugerimos que a colheita do líquido peritoneal como parte integrante do diagnóstico em doenças que requeiram biópsia hepática ou renal, que esta seja feita antes das punções ou após duas semanas para biópsia renal e três semanas para biópsia hepática.

Avaliação clínica de eqüinos submetidos a pneumotórax induzido por infusão contínua controlada de CO₂

Penna, A.C.B.A.¹;
Zoppa, L.V.¹;
Machado, T.S.L.¹;
Silva, L.C.L.C.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade de São Paulo - SP

Na toracoscopia, o hemitórax só é completamente visualizado com instalação de pneumotórax (PT), conseguido pela perfuração da pleura parietal com pinça hemostática, provocando influxo passivo de ar ou por infusão controlada de CO₂. Uma das complicações da cirurgia torácica é o PT residual PO. Em eqüinos o PT é reduzido ao término do procedimento pela aspiração do ar intratorácico (IT) com aspirador cirúrgico. Mackey e Wheat realizaram exames radiográficos no período pós-operatório (PO) em animais submetidos à toracoscopia, observando PT residual assintomático. Segundo Zoppa et al., o PT residual pode ter resolução espontânea após 72 horas. Zoppa et al. realizaram exame clínico e colheita de sangue 24, 72 e 144 h. após toracoscopia, avaliando hemograma e fibrinogênio plasmático,